

REPRESENTAÇÕES DO JUDEU NA CULTURA BRASILEIRA: IMAGINÁRIO E HISTÓRIA

Célia Szniter
Doutora Em Estudos Judaicos USP
cszniter@usp.br

Representações do Judeu na Cultura Brasileira: Imaginário e História, tese de doutorado defendida em maio de 2002 junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é o resultado de uma investigação de amplo espectro nos âmbitos da expressão popular e literária, bem como nos registros da cultura de massa produzida no país, que buscou reunir e identificar as representações do judeu e os principais temas aos quais estão relacionadas, confrontando o Imaginário e a História nessas expressões culturais.

Expressivas da cultura nacional no aspecto da transmissão oral, inicialmente foram abordadas as imagens lingüísticas, o que envolveu tanto o exame de termos do vernáculo associados ao significante *judeu*, como de ditados populares onde a mesma designação poderia aparecer dotada de diferentes significações.

A partir das possíveis conotações do termo *judeu* conforme encontradas em dicionários da língua portuguesa, da pesquisa etimológica e do uso cotidiano de palavras como *judiar*, *judiação*, bem como das temáticas recorrentes encontradas na série de ditos populares coletados, foi possível concluir que velhas formas de preconceito contra o elemento judaico, historicamente herdadas de Portugal, mantiveram-se de alguma forma “intocadas” ao longo do tempo, e, encapsuladas, subsistiram na cultura brasileira até o presente.

Na grande categoria definida como *cultura popular*, além das imagens lingüísticas, foi incluída a análise de algumas tradições seculares (como por exemplo, a *Malhação de Judas*),

manifestações folclóricas e de alguns folhetos representativos da perspectiva da literatura de cordel em relação ao nosso objeto.

Uma avaliação do conjunto desses conteúdos demonstrou também que, principalmente no que se refere à expressão popular na *cultura oral*, prevalece uma visão mítica do judeu. Nesse âmbito, as representações do judeu ainda aparecem estreitamente associadas à grande narrativa cristã do martírio de Jesus, e ele pode ser lembrado mesmo como extensão do traidor arquetípico, *Judas Iscariotes*, ou de outro opositor a Jesus, *Ahasverus*, personagem no qual baseia-se o mito do *Judeu Errante*.

Com respeito à *cultura literária*, que envolveu o exame de textos de variados gêneros dessa esfera de expressão, inclusive uma gama de títulos de peças teatrais, observou-se, repetidas vezes, a emergência de temas bíblicos e de diversas figuras do Antigo Testamento como fontes de inspiração a grandes autores ao longo dos séculos, desde Padre José de Anchieta aos contemporâneos.

Quanto a aspectos temáticos, também foi assinalada a relevância de que o movimento romântico no teatro brasileiro tenha tido início com a tragédia *Antonio Jose, ou O Poeta e a Inquisição* de Gonçalves Magalhães (1838), marcando, através da figura do teatrólogo brasileiro Antonio José da Silva, significativamente alcunhado a seu tempo de “o judeu”, a memória das perseguições e padecimentos de cristãos novos durante a Inquisição portuguesa.

O mesmo tema seguiu sensibilizando autores importantes durante os séculos XIX e XX. Em 1966, Dias Gomes, sob a opressão política da ditadura militar no Brasil no período, escreveu a peça *O Santo Inquérito*, elaborada a partir do relato histórico do auto-de-fé sofrido por Branca Dias, jovem natural da Paraíba, condenada à morte pela Inquisição em 1761 por “práticas judaizantes”.

Na poesia, a lenda do *Judeu Errante* foi revestida de novos significados por autores românticos como Castro Alves (*Ahasaverus e o Gênio*, 1868) e Fagundes Varela (1841-1875), que em *Desengano*, identifica-se, como poeta, ao “... *Hebreu da tradição*”.

Embora no âmbito literário também pudesse ocorrer a associação do judeu com figuras representativas da oposição ao cristianismo, ou outras idéias pré-concebidas sobre seu papel nas relações econômicas, e até mesmo um acervo editorial de títulos cujo objetivo declarado vincula-se à disseminação do anti-semitismo, a maioria das representações do judeu nas expressões literárias produzidas por autores brasileiros não-judeus, mormente a partir da segunda metade do século XX, apresentavam-se bem informadas e historicamente contextualizadas.

A presença de escritores de origem judaica como Clarice Lispector, Moacyr Scliar e Samuel Rawet na literatura brasileira foi observada, mas não diretamente considerada no trabalho, uma vez que o foco da tese concentrava-se na forma como o judeu é retratado enquanto *O Outro* nas diversas expressões da cultura nacional. De qualquer forma, foi demonstrado que, no meio literário, prevalecem as trocas entre as identidades definidoras das raízes nacionais e do judaísmo.

Quanto à *cultura de massa*, onde a televisão tem papel de destaque, há que se distinguir o *discurso televisivo ficcional* do *não-ficcional*. No espaço da televisão brasileira ao longo das últimas cinco décadas, no que diz respeito à esfera do *discurso televisivo não-ficcional*, o que incluiria noticiários, programas de entretenimento, entrevistas, documentários, em geral encontram-se descrições imparciais nos noticiosos de fatos relativos ao conflito no Oriente Médio, e as informações sobre costumes, comemorações e tradições judaicas são usualmente veiculadas ao telespectador dentro de padrões estritos de civilidade e respeito à diversidade cultural.

Dentre as representações do judeu no *discurso televisivo ficcional* (telenovelas, mini-séries, programas de humor), foi observada a presença mais ou menos constante de indivíduos de origem judaica atuando em sua própria representação, como atores, roteiristas, produtores, ou ainda de outras formas na equipe de criação, de maneira que a configuração do judeu resultante não poderia jamais ser considerado puro *significante*, na grande maioria das produções televisivas encontradas.

Na série histórica dessas imagens preponderam aquelas que o retratam como “recém-chegado” ao país. Eventualmente descrito como “*eterno estrangeiro*” nas interações sociais ali representadas, o personagem judeu parece representar, num bom acervo delas, ainda que como paródia, e até mesmo personificado por atores dessa extração étnico-religiosa, um tipo de fusão entre a representação do imigrante real, judeu europeu que chega ao país na primeira metade do século XX, e (novamente!) a figura mítica do *Judeu Errante*, estereótipo que prevaleceu por mais de três décadas na TV brasileira.

Deve-se ressaltar, entretanto, que a descrição de personagens representativos da minoria judaica na dramaturgia televisiva brasileira tem sofrido consideráveis transformações, mormente na última década, os retratos têm sido enriquecidos pelo incremento do diálogo dos autores e roteiristas de mini-séries e telenovelas com a pesquisa historiográfica e o próprio público, o que é resultante e revelador do processo de adaptação e integração da comunidade judaica à sociedade brasileira nas últimas décadas.

Vinculadas ao contexto histórico-cultural em que emergiram e encadeadas entre si, tais representações, emergentes em linguagens aparentemente “autônomas”, possibilitaram configurar um quadro nítido das diferentes formas de percepção social acerca do elemento judaico e seus fatores determinantes, tanto em função de classe social como da dinâmica do processo cultural brasileiro.